

Notícias de Barcelos

Director e Proprietário—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ, NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

BARCELOS EM LUTO

A morte de Manuel Pereira Esteves

LACUNA QUE SE NÃO PREENCHE NUNCA

Uma informação pungente, dolorosa, horrível, correu célere toda a cidade na manhã de 7 do corrente, anunciando a morte deste inconfundível Homem de bem, desta altiva e nobilíssima figura de Bombeiro Português.

A surpresa foi enorme e cruciante porque, embora se soubesse da doença cardíaca de Manuel Esteves, ninguém esperava tam triste desenlace com a rapidez angustiosa e acelerante com que se deu.

Todos os olhos se marejavam de lágrimas, todos os corações palpitarão de dor e Barcelos inteiro sentiu, bem fundo na alma, um choque irreparável cobrindo-se de luto, enchendo-se do mais profundo e sentido pesar.

Esta foi a primeira e a mais sincera homenagem que se produziu, porque partiu espontânea do coração de todos sem exteriorizações protocolares, sem formalidades e contumélias habituais.

E' que a figura de Manuel Esteves era alguma coisa de grande e nobre, afirmava e exprimia alguém com personalidade própria, alguém que se impunha e dominava por um raro e fulgurante conjunto de predicados que formavam a sua altiva e forte estrutura de Homem.

Não surgem facilmente na vida dos povos figuras abnegadas, valentes, heróicas, bondosas, firmes de carácter, inteiriças na disciplina e nas atitudes sempre nobres e elevadas, como a do saudável Comandante Esteves.

Deste Homem se pode dizer como o exprimiu Séneca *«que a verdadeira bondade é invencível porque é infatigável.»* Ele foi, de facto, infatigável no destemido exercício da espinhosa missão de Bombeiro excepcional, distribuindo por todos a quem era preciso acudir ou auxiliar na iminência dos grandes perigos ou dos graves acontecimentos, pedaços da sua alma e do seu espírito na prontidão e na técnica executiva com que tudo debelava e dominava.

Na frente dos seus vastos conhecimentos, da sua serena heróicidade e do seu comando competente, disciplinado e destemido, o próprio perigo fugia envergonhado e assustado como se conhecesse ou adivinhasse a certeza de ser vencido.

Mas se é certo que o Comandante Esteves como Bombeiro ilustre, nos conhecimentos e na técnica rigorosa de o ser, pairava hoje e há muitos anos no mais alto plano dos Bombeiros Portugueses, a verdade é também que dominava pelo carácter impoluto, pela ternura viva dum coração amaríssimo e pelas vastas faculdades de inteligência e categoria social e moral.

Na Associação dos Bombeiros de Barcelos o Comandante Esteves era tudo; a maior soma do prestígio dessa

instituição e do seu valente Corpo Activo vivia-se e aspirava-se através da altiva e inigualável figura dessa extraordinária compleição de Homem.

Só com comandos assim, que sejam competentes não sómente na técnica, mas igualmente saibam impor e dominar pela inteligência e pela qualidade moral e social, é que as instituições se podem afirmar, e garantir-se um futuro próspero e respeitado.

A sua larga fôlha de serviços em prol da Humanidade, a sua acção constante, continuada, da mais altiva abnegação, a sua inteligência e o seu competente espírito de técnico exímio, tor-

perencem. E Barcelos pode ufanar-se de tal filho querido.

A aura de prestígio que emoldura a sua personalidade, não fenece jamais porque os homens que vivem pelo coração e pelo espírito não morrem nunca e, como acertadamente escreveu Florian *«em todos os paizes os corações bondosos são irmãos»*, assim o Comandante Esteves irmanado com as almas votadas ao Bem, perdurará como um ídolo recordado e lembrado a todos os momentos, a todas as horas, vivendo e comandando no espírito de cada um dos seus subordinados e amigos porque o eram mais do que subordinados.



naram-no num ídolo, justamente adorado, merecendo bem a coroa de simpatias e afeições que tinha nesta sua terra e que em diferentes ocasiões lhe foi nitidamente expressa e, agora, no seu imponente funeral, mais do que nunca.

E uma das frisantes provas do elevado conceito em que era tido está, ainda, na distinção honrosíssima com que o Município o distinguiu nomeando-o, simultaneamente à sua função de 1.º comandante dos Bombeiros, Inspector de Incêndios, cargo em que sempre se houve com aquela rara competência e aquêle aprumo fidalgo e altivo que era timbre do seu espírito digno e fórmula da sua distinta educação moral e mental.

Homens assim se se honram e enaltecem, dignificam a corporação e os cargos que exercem, mas, sobretudo, prestigiam e orgulham a terra a que

Desapareceu o Comandante Esteves escondendo-se, para sempre, no sepulcro razo do descanso eterno, partiu a coluna máxima, o esteio fundamental da Associação dos nossos Voluntários, porém o seu espírito perdurará indefinidamente dentro dessa Corporação e será o guia basilar e o indicativo seguro da rota a seguir na continuidade tradicional daquela beneficente instituição.

O funeral do Comandante Esteves, constituiu uma homenagem que poucas vezes se há visto em Barcelos. No préstito fúnebre incorporaram-se inúmeras corporações de Bombeiros, além da representação das do resto do País que não puderam comparecer.

Dezenas e dezenas de automóveis se viam alinhados junto à Associação dos nossos Bombeiros que, depois, acompanharam o cadáver do extinto

ao Cemitério atrás de alguns milhares de pessoas, muitas das quais conduziam coroas e bouquets de flores naturais e artificiais.

A urna com os restos mortais do saudável e querido Comandante Esteves foi conduzida, da Associação onde se achava depositada, até ao Templo do Senhor da Cruz, ao ombro de seus afeiçoados subordinados que choravam de sincera dor ao levá-lo para a última morada. A rodeá-la viam-se os estandartes de todas as corporações presentes.

A chave da urna foi entregue ao velho amigo do extinto, conterrâneo e camarada sr. Antonio Fiuza de Melo, distinto Inspector de Incêndios, de Famalicão. As almofadas com as medalhas, capacete e machadinha do extinto foram respectivamente conduzidas pelos srs. Celestino Lopes, Comandante dos Bombeiros Voluntários, do Sul e Sueste—Barreiro, e Luiz Fragoso Amado, Comandante dos Bombeiros Voluntários, de Montemor-o-Velho.

Assumiu o comando de todas as corporações o Comandante dos Bombeiros Voluntários de Braga, sr. Joaquim Braga, por ser o mais antigo e dirigiu o funeral o antigo 2.º Comandante dos nossos Bombeiros sr. capitão Sousa Pinto.

Durante o trajecto funerário organizaram-se os seguintes turnos:

1.º—Representante Inspector Incêndios do Pôrto; Inspector Incêndios de Penafiel; Representante Bombeiros V. Lisbonenses; Representantes Bombeiros V. do Pôrto; Bombeiros V. de Lisboa, representados pelo sr. José Pires Lavado; Comandante Bombeiros V. de Guimarães.

2.º—Comandante B. Municipais de de Gaia; Ajudante Corpo S. P. de Vila Real; Representante Inspector Incêndios de Viana do Castelo; Presidente Bombeiros V. do Pôrto; Presidente Bombeiros V. de Penafiel; Representante Bombeiros V. de Mondim de Basto e Bragança.

3.º—Comandantes dos B. V. de Famalicão, Felgueiras, Braga, Entre-os-Rios, Viana e Póvoa de Varzim.

4.º—Comandantes dos B. V. de Leixões, Vila do Conde, Vila Verde, Famalicenses, Ponte do Lima e Espozende.

5.º—Comandantes V. de Fão, Valadares, Albergaria-a-Velha, Coimbrões, Invicta e Arrifana.

6.º—Direcção e Farmacêutico dos Bombeiros V. de Barcelos.

7.º—Socias Honorárias dos Bombeiros V. de Barcelos, senhoras D. Maria José Pereira Esteves, D. Maria da Conceição de Sousa Pinto, D. Maria das Dores Valongo Carmona, D. Maria Bernardete Fzria Lopes, D. Maria Moreira e D. Maria Fernanda Carvalho Marinho da Silva.

Continua na 4.ª pagina

PALAVRAS E OBRAS

RICOS E POBRES

Parodiando as judiciosas palavras dum dos grandes heróis da nossa história pátria, também eu posso dizer como ele: «De mal com os ricos por causa dos pobres; e de mal com os pobres por causa dos ricos».

Pois bem; eu não quero estar de mal com estas duas classes que representam o capital e o trabalho; mas, se não puder harmonisar os seus interesses colectivos, resta-me a consolação de ficar de bem com a minha consciência.

Não me cansarei de o dizer a ricos e troianos, a ricos e pobres, a todos, enfim, que me queiram escutar do alto desta tribuna que, por ser modesta, tem o cunho da verdade.

E' chegada a hora em que todos temos o dever de definir os campos políticos e sociais.

Aqueles que são partidários ou simpatizantes do comunismo passem já para a esquerda. Aqueles que são partidários da Ordem e do Estado Novo, passem igualmente para a direita.

Nesta ordem de ideias é licito perguntar duma maneira simples e concreta:

O que preferem os ricos, socialismo cristão ou comunismo pagão?

Praticamente, o socialismo cristão é repartir com os pobres, voluntariamente, com caridade e amor fraterno. Pelo contrário, comunismo pagão, é... o que todos nós estamos vendo pelos exemplos que nos chegam de Espanha.

Ali, os ricos deixaram de ser donos e senhores dos seus cofres e até da sua própria liberdade. Os industriais nem são senhores nem detentores das suas fábricas. O mesmo aconteceu aos ricos fazendeiros e agricultores a quem confiscaram as terras.

Todos estes, numa rápida transição política e social passaram de ricos a pobres, sem que os pobres pudessem passar a ricos...

Porque?

Porque a anarquia e o comunismo estão fora de todas as leis humanas.

Ora, pois, para que Portugal não chegue a ser vítima dum cataclismo social como a Espanha, eu atrevo-me a pedir aos ricos que olhem com mais humanidade e carinho os nossos pobres!

Eu peço aos patrões e industriais que olhem com amor fraternal pelos seus operários, repartindo por eles uma parte dos seus lucros.

Não é justo nem humano que os vossos operários andem rotos e mal alimentados.

Hoje, já nenhum operário, chefe de família, pode viver com sete e oito escudos. Esta importancia, este salário minimo ainda pode ser tolerado numa mulher numa operária, e não com 3, 4 e 5 escudos, com que certos patrões pouco humanitários pagam a essas escravas do trabalho.

Ricos: Quereis acabar com o comunismo revolucionário?

Abri os vossos cofres e os vossos corações com a chave de ouro da caridade. Reparti com os pobres e com os vossos operários e tereis assim resolvido, em paz e harmonia, o grave problema social, que está convulsionando a Europa!

Para se avaliar dos sentimentos humanitários e do respeito que nutrem pela liberdade dos cidadãos, transcrevo dum jornal diário esta cena horripilante e macabra dos camaradas vermelhos. Vai em italico:

Quarenta sacerdotes mortos no meio das maiores torturas

LONDRES, 8—O «Morning Post» publica um artigo dum correspondente que se encontrava recentemente em Valência e que descreve o seguinte: — Já nos primeiros dias, depois do começo

ACÇÃO CATÓLICA

Condição basilar,

entre outras, para a formação do dirigente cu militante da Acção Católica, é a obediência e dedicação à hierarquia, e nomeadamente ao S. S. Pontífice.

A organização da A. Católica pressupõe uma direcção e comando superior que a orienta, dirige e administra, como, aliás, sucede em todas as organizações que possam ou queiram ter esse nome; pois que sem comando, sem disciplina, sem autoridade não pode haver ordem, administração e portanto organização.

E para haver autoridade é indispensável a obediência dos subditos a seus respectivos superiores, a partir dos leigos aos seus dirigentes, estes e todos ao seu pároco, e por meio deste ao seu Prelado e em união com estes ao Papa.

Não basta, porém, uma obediência vulgar e comum, como a das associações e sindicatos; a obediência do criado a seu patrão, do operário a seu mestre, do aluno a seu professor, do empregado público ao seu chefe; a obediência na A. C. tem que ser completa.

Obediência sem reservas, e com espirito de submissão à hierarquia, como quem obedece a Deus, representado nos superiores eclesiásticos.

Um dos maiores obstáculos que encontramos à aceitação e desenvolvimento da A. C. é a anarquia em que caíram as Confrarias relativamente às autoridades eclesiásticas; pois que as confrarias julgam-se independentes do pároco e com mais razão do Prelado diocesano; que o pároco, para os confrades é quando muito um irmão ou confrade como qualquer outro...

E para muitos a A. Católica não

é mais que uma confraria moderna e de carácter universal, e por consequente independente da hierarquia.

E' a continuação e aperfeiçoamento daquela revolta começada uma vez no Céu, continuada no Paraizo terreal, e aperfeiçoada nestes tempos de liberalismo, individualismo e comunismo, todos filhos da revolta, da desobediência, que é a maior chaga da Religião e da sociedade.

Dedicação ilimitada

à hierarquia é a segunda condição daquela base que, no principio deste, estabelecemos para a formação do bom dirigente ou militante da A. Católica.

Esta dedicação, que nasce naturalmente da obediência, se há-de manifestar dum modo todo particular no respeito e carinho com que se há-de falar e tratar a pessoa do Papa, dos Srs. Bispos e dos sacerdotes.

Para a maioria dos nossos cristãos isto é, dos batizados, as pessoas da hierarquia são objecto de indiferença quando não são até de desprezo; e daí a grande necessidade de fazer A. C. a fim de levar os nossos católicos a estimar e reverenciar seus superiores eclesiásticos como tais, e não como simples cidadãos, como, aliás, se faz, em geral, aos párocos; e sem que haja respeito ao pároco, como tal, não pode haver sincera estima pelo seu Prelado nem dedicação ilimitada pelo Romano Pontífice.

E' preciso que a A. C. se distinga de todas as outras associações de piedade ou caridade pelo amor obediência e completa dedicação ao Papa e seus representantes.

Sacristão d'Aldela



Agencia João de Sousa Pimenta

Campo da Feira, 22 (em frente ao Senhor da Cruz)

BARCELOS

A única acreditada agência de passagens e passaportes nesta cidade, que oferece aos seus clientes, sem distincção de classes, garantias económicas sem receio de competências, encarregando-se de toda a documentação tanto civil como militar para a obtenção de passaportes para a Europa, América, Brazil, Argentina, Colónias, etc.

Esta agência também se encarrega de mandar vir as cartas de chamada, tanto para o Brazil como para a Argentina.

O Agente legalmente habilitado

João de Sousa Pimenta

da guerra civil, a cidade se encontrava nas mãos duma Junta de Comunistas. Depois da destruição de todas as igrejas e conventos, os comunistas organisaram batidas contra o clero. Na cave dum convento quarenta sacerdotes morreram no meio das maiores torturas. Por toda a parte se cometeram crimes monstruosos contra os religiosos.—(D. N. B.)

Quanto ás pobres religiosas vitimas do seu odio e furor satânico, fazem-lhe o mesmo que a canalha da Revolução Franceza fez á formosa e ingénua princesa de Lamballe...

E mais não digo, porque a vergonha e o pudor me impedem de entrar em pormenores desta natureza e melindre.

Féras! Féras! Féras!

A bondade cedeu o lugar á crueldade!

Mas, haja alegria á beira mar, pois que tristezas não pagam duvidas...

Querem vêr como eles e elas afugentam o fantasma comunista que nos está batendo á porta?

Estamos chegados á epoca balnear. Toda a gente, meninos e meninas, to-

mam banho sem ser de Igreja. Uns tomam banhos do mar outros tomam banhos de sol e areia. Segundo se vê pelos documentarios fotograficos dos jornais, mocinhos e mocinhas expõem com prazer e sem vergonha as suas carnes aos beijos quentes do sol e refocilam os seus corpos na areia, numa promiscuidade nudista que faria corar de vergonha a nossa mãe Eva ou a propria Venus impudica...

E não há ali um policia vigilante, que em nome da moral publica mande vestir esta gente!

João Calado

Grupo Regional Barcelense

Para a eleição do novo Presidente da Direcção do Grupo Regional Barcelense, realizou-se ante-ontem, na sua sede, uma Assembleia Geral Extraordinária que teve a assistência dum elevado numero de sócios.

Por unanimidade, foi eleito o sr. Manuel Barbosa de Faria.

—Ao novo presidente, a quem o Grupo Regional muito ficará a dever, apresentamos muitos parabens.

Romagem patriótica

É amanhã que, com a presença dos ilustres e venerandos Presidentes da República e do Conselho, demais membros do Governo, altas individualidades civis e militares, filiados da União Nacional e Mocidade Portuguesa, representantes das escolas portuguesas, se realiza a patriótica romagem á Batalha em comemoração do 551.º aniversário da batalha de Aljubarrota.

Usarão da palavra o sr. Presidente do Conselho, ministro da Educação Nacional e um representante da Mocidade Portuguesa, sendo estes discursos radiodifundidos pela Emissora Nacional.

—Pelo entusiasmo que reina em todo o país, a romagem de amanhã, deve constituir um notavel acontecimento patriótico.

Mocidade portuguesa

Por todo o país, é grande o entusiasmo pela organização da Mocidade Portuguesa.

Todos os dias, as adesões, são numerosas.

Muito brevemente daremos informações detalhadas a respeito desta patriótica organização.

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos:

Hoje a sr.ª D. Joaquina Lopes de Albuquerque Esteves e os srs. João de Sousa e Silva, José Serra Brito Limpo Lobarinhas e Artur Vieira de Sousa Basto.

Sábado os srs. Dr. Manuel Cândido Costa da Silva Corrêa e Manuel Pereira Vilas boas.

Dia 19 o sr. Mário Viana de Queiroz. Dia 20 a sr.ª D. Maria do Carmo Ribeiro Lima de Azevedo Fonseca e o sr. Fernando Vieira Ramos.

VIDA DE CRISTO

Vida de Cristo, segundo os Evangelhos e as revelações de Catarina Emmerich.

Encontra-se em distribuição o fascículo n.º 5, desta não só interessante como instrutiva obra. O presente numero é consagrado, na máxima parte, aos episodios emocionantes, ocorridos em Jerusalém, durante as solenidades da 1.ª Páscoa, como foram a expulsão dos vendilhões no Templo, entrevista com Nicodemos e, finalmente, as 1.ªs perseguições movidas contra o Salvador.

Augusto da Costa Portela

O seu falecimento

No Hospital da Ordem 3.ª do Carmo, Rio de Janeiro, faleceu este nosso estimado conterrâneo, irmão dos nossos amigos srs. António e Manuel da Costa Portela.

O extinto era muito estimado no Rio de Janeiro pelas suas belas qualidades morais e pela forma como acudia a todas as dificuldades de compatriotas seus.

Espirito caritativo e amigo dos pobres era Irmão benemérito da «Irmandade de Santa Cecilia», de Vigário Geral e foi um dos fundadores da «União Cívica» da mesma localidade.

Exercia naquela capital do Brasil o cargo de alto funcionário do «Moínho Inglês», fábrica importantíssima, onde era muitíssimo querido e estimado.

O seu funeral constituiu uma das raras manifestações de pezar ali realizadas a um português.

A seus irmãos e demais familia o nosso cartão de pèzames.

Revista aos fundamentos da Fé

O nosso tradicional e popular argumento demonstrativo da existência de Deus

Qual é?

O leitor, que tenha sido instruído e educado cristãmente, ao recordar os seus tempos da catequese infantil talvez se lembre ainda daquêlles argumentos, que os pequenos catecismos, entre nós usados, costumavam apresentar para provar, pela razão, a existência de Deus.

A fórmula clássica desse argumento era:

Havendo tantas coisas no mundo e nascendo uma das outras, com certeza devem ter um principio, o qual só pode ser Deus.

Ora é sabido que nos últimos tempos têm as ciências filosófico-naturais e sociológico-religiosas passado por notáveis transformações; e que nos domínios da religião largos e profundos estudos se veem fazendo, tanto no campo católico como no heterodoxo.

Mas no meio dessas vicissitudes, por que têm passado as ciências, e em especial os estudos religiosos terá este clássico — e entre nós popular — argumento perdido algo da sua oportunidade e eficácia comprovativa da existência de Deus? Não tem.

A consistência e actualidade deste argumento nos domínios da biologia

Ao lançar os olhos ao enunciado deste argumento vê-se logo que elle se baseia mais directamente sobre os seres do universo, dotados de vida, isto é, os que constituem o reino vegetal e animal.

E' o que se deduz desta parte: *«Havendo tantas coisas no mundo e nascendo umas das outras...»*

Evidente se refere aos variadissimos seres que sob o influxo da vida nascem, evoluçionam e se propagam.

Ora a insofismável força demonstrativa deste argumento já Gaume, no seu magistral e grande catecismo, a fez ressaltar, duma forma deveras intuitiva e impressionante naquelle caso real ou fictício, da *prioridade do ovo ou da galinha*, em que um estudantelho, com fumaças de espertalhão e ares apedantados, quiz fazer alarde da sua impiedade balôfa. Mas, apertado nas tenazes contendentes deste dilema, embuchou e teve saída de sentido...

Mas vamos a isto por pequenas doses.

V. A.

Preparatórios da Escola Militar

Com a média de 15 valores, concluiu na Universidade do Porto, o curso de preparatórios para dar ingresso na Escola Militar, o nosso amigo sr. Manuel Maria Magalhães a quem apresentamos muitos parabens.

Confêrncia de S. Vicente de Paulo (HOMENS)

Da família do sr. Manuel Pereira Esteves, sufragando a sua alma 50\$00; por intermédio dos srs. Prior, de um anónimo 5\$00 e Manoel Lemos, de outro anónimo 10\$00.

NOTAS DE LISBOA

3 DE AGOSTO

Novidades referia-se ha dias a um anuncio de um festival de nataçao e concurso de «maillots» exibidos pelas «girls» dos nossos teatros de revista, para o qual se convidavam adultos, senhoras e crianças e, quanto a estas, com o chamariz de, até aos 12 anos, terem entrada mais barata.

Nós sabemos que, a-pesar-da censura dos espectáculos, coisa que já foi transformada, segundo dizem, para melhor, os nossos teatros de revista são, em vez de casas de arte, cloacas do mais baixo sensualismo a jorrar em todos os sentidos. Além do piteu requeentado da piada, calão e indecência que já se não disfarçam com o ambiguo, o piteu das «girls» em descompostos ademanos atrevidos de corpos nus é o essencial das revistas com que se vai dessorando a moralidade e o gosto do nosso povo.

Portanto, o referido concurso dos «maillots» exibidos pelas «girls» é mais uma parada de indecência nas barbas da policia de costumes... E metem-se lá as crianças, a sociedade futura, sem sequer darmos por que nos contradizemos com certas faladas coisas de defesa e protecção à familia...

Depois, mais tarde, senão já, estranha-se que a resistência suba do fundo, teimosa e temerosa, às boas intenções da lei...

Espanha, hoje a braços com a mais encarniçada luta contra o comunismo, está pagando no sangue derramado a êsmo, tanta cobardia acumulada do seu escol, gente que vive de aparências e, por comodismo, não atalha o mal senão quando lhe salpica as barbas, i é: tarde e a más horas.

¿Haverá ainda entre nós quem não veja que a imoralidade foi sempre o o esteio da desordem?!

Salvo erro, já aqui falamos dum pasquim que se publica no Rio de Janeiro, como órgão do defunto partido democrático. Nada mais é preciso pôr na carta, para saber que aquillo continua a doidejar à volta do jesuitismo, do clericalismo, da ditadura vaticanista, que tudo isto desabou em cima do pobre Portugal, desde que Alfonso Cos-

ta e seus acólitos foram rechaçados da nossa ingrata amizade.

Como desforra, num dia que virá breve (segundo elles) para o desagrilhoamento da democracia (dêles, está claro), que guinchada faz o pasquim pela frente popular anti-fascista que de lá lobrigou aqui organizada por uns fedelotes do liceu, num manifesto clandestino de alfurja! Èle clama aos quatro ventos por ela, persuadido de que as baionetas dos nossos soldados não chispam vigilantes pela Ordem; e vá de inflamar os correligionários para a revindicta e incitá-los a formar na *acies ordinata* da frente popular.

A estas horas, já lhe chegaram os ecos da Espanha revolta, a sacudir o jugo moscovita da sua frente popular; —o que equivale a dizer que alguns resfriamentos há-de ter sentido no entusiasmo, pois, faltando aos nossos revirralhistas o apoio vizinho à feição, é como se faltasse o ar para respirarem... Bradam, mas no deserto... Desandou a roda, mas de vez, podem crer.

Acção, vibrante semanário que não as treme, no sábado passado zurzia com alma em certo grande jornal que, não obstante confessar-se *fascista*, se for necessário (isto depois de certo apertão ao gorgomilo), não perde o jeito, mal disfarçado, de... não se comprometer com os revoltosos de Espanha. São assim os *camaleões* da Imprensa: uma no cravo, outra na feradura, enquanto os ares não se aclaram...

Ora, *Acção*, com toda a justiça, lembra certo artigo da Constituição e pergunta se ha o direito de manter nas mãos duma empresa sem escrúpulos um jornal cuja influencia é vastissima nas camadas populares.

Precisamos de ter muito ourelo e coerência, para que se não fixe na lei uma coisa e, na prática, se faça ou deixe fazer outra. Senão, os que andam cá por baixo empenhados em malhar no mal, nunca mais deixam de pregar aos peixinhos...

A. da F.

A REVOLUÇÃO NACIONALISTA EM ESPANHA

Continna a revolução nacionalista em Espanha, sem se poder calcular, com probabilidades de acerto, quando terminará.

Os factos da última semana, parecem indicar, com a chegada do general Franco e do Chefe dos Legionários à península, o «começo do fim da revolução espanhola».

Já não é sem tempo. O *capitulo negro* da História de Hespanha contemporânea, escrito pelos espanhóis vendidos a Moscovo, não precisa de ser mais enegrecido. O que êsses bandidos têm praticado na Pátria de Cervantes, envergonha os seres humanos.

Se não passassem duns grandes *hipócritas* os que se arvoram em defensores da HUMANIDADE, se houvesse uma verdadeira moral internacional, as feras espanholas há muito que teriam os seus movimentos manietados. Assim, continuam a matar na maior das liberdades não só por vingança como pelo único prazer de matar, de fazer sangue.

Por notícias particulares, que nos chegam aos ouvidos, e sem isso nos causar espanto pelo que temos lido, sabemos que em Dénia os comunistas

incendiaram tôdas as igrejas tendo antes encarcerado, nalgumas, padres, mulheres e até crianças. E fizeram outras barbaridades com tanta alegria e cinismo que não mencionamos porque nos repugna falar nêsses actos do maior dos banditismos.

Perante os actos que as hordas vermelhas têm praticado em Espanha nós preguntamos se porventura ainda haverá alguém que esteja pelo lado do govêrno de Madrid.

—A lógica diz-nos que, só podem estar pelo *desgoverno* de Madrid, os indivíduos que fôrem tão bandidos como os bandidos espanhóis.

Recolhimento do Menino Deus

Donativo

Do sr. João de Sousa Caravana, em sufragio das almas de sua mãe, do Conselheiro Dr. Arriscado de Lacerda e Viscondessa da Fervença 20\$00.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

N. S.ª da Franqueira

Como foi largamente anunciado, realisa-se no proximo domingo a festa a Nossa Senhora da Franqueira que costuma ser muito concorrida.

A festa que constará de missa solene, sermão e á tarde procissão, será abrilhantada pela excelente banda de Cervães.

Continua a reinar o maior entusiasmo por todo o concelho e tudo indica que constituirá uma notavel manifestação de fé á Virgem da Franqueira, a peregrinação que, como noticiamos, se realizará no dia 13 de Setembro.

Ante-ontem, a mesa da Comissão Administrativa da Confraria de N. S. Franqueira, foi a Braga convidar S.ª Ex.ª Rev.ª o sr. arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, para presidir á peregrinação.

No alto do Monte, fará uma alocução S.ª Ex.ª Rev.ª o Bispo resignatário de Bragança sr. D. Luiz de Almeida.

Este ilustre prelado presidirá tambem á adoração nocturna que no sábado haverá na igreja matriz desta cidade.

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia
Rua Dom António Barroso, 141
Telefone 28

NOTICIAS DIVERSAS

Na praia da Apúlia, encontram-se, acompanhados das suas familias, os nossos amigos srs. Antero de Faria, Dr. Manuel Novais, Dr. João Beleza e Manuel Pereira Vilas-Boas.

—Na mesma praia, tambem se encontram as familias dos nossos amigos srs. Aurélio Queiroz e João de Sousa.

—Na sua propriedade de Remelhe, de regresso da Póvoa de Varzim, encontra-se o nosso amigo sr. João Carlos Coelho da Cruz.

—Partiu na segunda-feira para Apúlia, em companhia de sua esposa, o nosso amigo sr. D. Vicente Mahiques Senti.

—Em S. Bartolomeu do Mar, já se encontra a sr.ª D. Ana Júlia Moniz Arriscado de Carvalho, proprietária de Fragoso, acompanhada de sua filha a sr.ª D. Laurinda Amélia M. A. Carvalho Amorim e seu genro e nosso amigo sr. Fernando Gomes Amorim.

—Já se encontra restabelecido o nosso amigo sr. Fernando Augusto de Andrade, conservador-ajudante da comarca.

José J. Soares Estanislau

Em Fão faleceu o sr. José J. Soares Estanislau, rico proprietário e capitalista ali muito estimado e que, tanto naquela terra da sua naturalidade como nesta cidade contava as maiores amizades.

Contribuiu muito para o progresso da sua terra auxiliando e estimulando tôdas as iniciativas nessa tendência sendo ali considerado como um dos seus maiores bem-feitores.

Era um homem probo, de carácter e honestissimo, sendo o seu falecimento ali imensamente sentido não só no seio dos seis inúmeros amigos como no meio da pobreza local a quem muito socorria.

A sua irmã sr.ª D. Belmeira Soares Estanislau e a seus primos e nossos amigos srs. P.º Manuel, P.º Antonio e João Vila Chã Esteves, os mais sentidos pèzames.

A MORTE DE MANUEL PEREIRA ESTEVES

Continuado da 1.ª página

8.º—Representante Delegado da Liga dos B. Portugueses em Vila Real; Comandantes B. Voluntários da Lixa, Arcos de Valdevez, Valbom, Gondomar e Chefe piquete serviço B. V. do Porto.

9.º—Representantes dos B. V. da Póvoa de Lanhoso, Oliveira de Azevedo, Amarante, Tôres Novas, Sertã e Covilhã, respectivamente pelos srs. Aníbal Azevedo, Augusto Soucasaux, Dr. Gonçalo Araujo, António Guimarães Vale, Emilio Pinto Rosa e 2.º Comandante B. V. Barcelos.

10.º—Srs. José Barbosa Ferreira Dias Júnior e Licínio Ferra Esteves, representando seus pais.

Dr. Augusto Monteiro, Dr. Adélio Marinho, Dr. Miguel Fonseca e Dr. Aires Duarte.

11.º—Representantes da Imprensa local, Lisboa e Porto,

12.º—Sócios-Honorários.

13.º—Ernesto Grilo, dos B. V. do Porto; Capitão José Mendes Alçada, representado pelo sr. Aníbal Azevedo; Francisco Leite Novais, Camilo Ramos, Artur Roriz Pereira e Armindo Miranda.

14.º—Graduados e praças dos B. V. de Barcelos.

15.º—Familia—srs. Domingos Guimarães Esteves, Rogério Ferra Esteves, Eng. Leonel Monteiro Esteves, Manoel Moreira Esteves, Rogério Pereira Esteves e Armando Ferreira.

16.º—Familia—srs. Adélio Pereira Esteves, João da Cruz Miranda, Capitão Corrêa de Faria, Augusto Melo, João Esteves Miranda e José Esteves de Faria.

Do Templo do Senhor da Cruz ao Cemitério a urna foi levada num dos auto-pronto-socorro dos Bombeiros de Barcelos.

No Cemitério, onde a urna foi novamente conduzida ao ombro dos Bombeiros de Barcelos, uzaram da palavra os srs. Dr. Lima Tôres, presidente da Direcção, o Comandante dos Bombeiros Voluntários, do Barreiro, ajudante do C. S. P. de Vila Real, o Comandante dos Bombeiros V. de Montemor-o-

Novo, José Cerqueira, dos Bombeiros V. de Viana do Castelo, Marcelo Serão da Veiga, Dr. Gonçalo Araujo, e capitão Souza Pinto.

Os Bombeiros do comando do saudoso extinto acompanharam o seu cadáver permanentemente, sendo por suas próprias mãos colocado em jazigo de familia.

A familia do extinto e a Associação dos Bombeiros recebeu milhares e milhares de telegramas, officios, cartões, etc. com sentidas manifestações de pesar.

Notas biográficas

Manuel Pereira Esteves, natural de Barcelos, nasceu em 17 de Janeiro de 1868.

Alistou-se como bombeiro em 18 de Novembro de 1887, fazendo juramento em sessão de 20 de Fevereiro de 1888.

Foi nomeado 1.º aspirante em 30 de Abril de 1888 e eleito 1.º comandante em 12 de Março de 1899.

Em várias «Ordens de Serviço» tanto como praça, aspirante e, sobretudo como comandante, aparece o seu nome sempre coberto dos mais honrosos louvores.

O próprio Estado, em nota publicada na folha official, o louvou pela coragem e abnegação revelada em diferentes incêndios.

Possuía a medalha de ouro de 30 anos de bom e exemplar serviço, as medalhas dos Bombeiros Voluntários do Porto e de Fafe, a medalha de Valor, Coragem e Abnegação, a medalha comemorativa das Bodas de Ouro e a da Liga dos Bombeiros Portugueses.

Exerceu durante muitos anos o cargo de ajudante de Escrivão de Direito; várias vezes foi vereador municipal, e, duma dessas ocasiões presidiu à Câmara e nessa qualidade exerceu o cargo de Administrador do Concelho, havendo-se aí com um apurmo que mais simpatias conseguiu. Também, por diversas vezes desempenhou cargos na Mesa do Hospital, e noutras agremiações locais.

A familia em luto os nossos mais sentidos pèzames.

REGATAS

Como tinhamos anunciado e por iniciativa do União F. C. Barcelinense realizaram-se no ultimo domingo regatas com barcos de 4 remos para disputa das taças «Barcelinhos» e «Principiantes».

Ambas as taças fôram disputadas por quatro tripulações. A taça «Barcelinhos» por duas tripulações do União F. C. Barcelinense, Voluntários de Barcelinhos e uma tripulação individual que tinha como timoneiro Manoel Branco de Almeida e a «Principiantes» pelas tripulações do Gil Vicente, Dragões do Cávado e União F. C. Barcelinense (2).

Foram operadas finalistas as tripulações do União F. C. Barcelinense.

As finais, que foram adiadas devido ao adiantado da hora, realizam-se no dia 23 do corrente.

Advogado

António Pedrosa Pires de Lima

Campo 5 de Outubro
Consultas das 4 ás 6

Propaganda para o consumo do mel junto da classe média

Na execução do seu programa de trabalhos continua o Ministério da Agricultura por intermédio do Posto Central de Fomento Apícola recorrendo às mais diversas modalidades de propaganda, algumas ineditas nos serviços officiais portugueses.

As suas ultimas edições consistem numa sugestiva «plaquette», recomendando o uso do mel na alimentação infantil e no opusculo «Um açúcar natural, um alimento, um produto terapêutico—O MEL», destinado ao corpo médico português.

Este interessante conjunto de propaganda acaba de ser distribuído por centenas de clínicos de todo o País tendo despertado grande interesse.

Será enviado gostosamente a todos os médicos portugueses que manifestem desejos de o receber para a sede do Posto Central de Fomento Apícola—Tapada da Ajuda—Lisboa.

EXAMES

Colégio Alcaides de Faria
CURSO DO LICEU

Tiveram passagem os seguintes alunos:

Para o 2.º ano

Agostinho Fernando Carvalho de Araujo, Aníbal Fernando de Azevedo Miranda, António Fernandes Tomaz Lopes da Cruz Azevedo, António Joaquim Vieira Coutinho, Jaime Torres Matos, Lúcio Manuel Azevedo Miranda, Manuel Alves do Vale Lima, Nelson dos Santos Rodrigues e Rui Manuel Gonçalves Vaz.

Para o 3.º ano

Abel Oliveira, Aires Pinho F. Azevedo, Aníbal de Queiroz, Armindo Pimenta, Artur Viana de Queiroz, Carlos E. Viana Lopes, Domingos Costa, Eurico Lemos, Flávio Amaral Neiva, Francisco Frases de Castro, Joaquim Cunha, José Barbosa, José Cândido Viana, José Carlos Pinto R. Vasconcelos, José Fialho da C. Macedo, Manuel Castro e Maria Amália Vasconcelos.

Para o 4.º ano

Abel Alves Ferreira, Alcídio Alves Ferreira, Camilo Fortuna de Carvalho, Fernando Eurico da Costa, Fernando Viana de Queiroz, Henrique Manuel Viana, Horácio Viana de Queiroz, José Nogueira, José Prado, Luís da Silva Esteves, Manuel Calheiros Cardoso de Albuquerque, Maria Amália Sampaio e Maria Augusta Medros Monteiro.

Para o 5.º ano

Alberto Pedras, Armindo Lúcio de Azevedo Miranda, Augusto Ferreira de Carvalho, Henrique Gonçalves Vaz, Luís Fortuna de Carvalho e Vitória Antónia Mancelos Sampaio.

Para o 6.º ano

Jeny Dulce Arantes, Paulino Gomes e Manuel Salazar Norton.

Seminário de Nossa Senhora da Conceição (Braga)

Obtiveram passagem os seguintes seminaristas do concelho:

Para o 2.º ano

Adélio de Oliveira Campos, António dos Santos Araújo, Constantino Macedo de Sousa, José da Silva Duarte e Urbano Afonso Martins.

Para o 3.º ano:

Domingos de Oliveira Carvalhosa, João Cardoso Gonçalves, Joaquim de Faria Brito e Joaquim Ferreira da Fonseca.

Para o 4.º ano

António Fernandes Cardoso, Eduardo de Oliveira Barros, Leonardo de Oliveira Faria, Manuel Joaquim Falcão e Rodrigo Alves Novais.

Para o 5.º ano

João Pereira Linhares, José Lopes da Costa Lima, José Maria Furtado Rodrigues, José Maria C. Aviz P. de Brito, José de Miranda Carvalho e Virgílio Fernandes Barbosa.

Para o 6.º ano

Carlos Fernandes Garrido, Domingos C. Neiva Pinheiro e Luís Fernandes de Figueiredo.

«Noticias de Barcelos», apresenta os seus cumprimentos de parabens a todos os estudantes e suas familias.

Manuel Pereira Esteves MISSA DO 7.º DIA

A Direcção da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos, manda celebrar no templo do Bom Jesus da Cruz, amanhã, sexta-feira, ás 9 horas, uma missa em sufragio do seu saudoso primeiro Comandante, Manuel Pereira Esteves.

Convida, pois, todos os Barcelenses e admiradores de tão illustre filho desta terra a associarem-se a esta piedosa homenagem.

Barcelos, 13 de Agosto de 1936.

A Direcção

MANUEL PEREIRA ESTEVES

Pela alma de tão saudoso e illustre Barcelense, manda um seu amigo rezar uma missa no altar do Senhor da Cruz, ás 9 horas officiais, da próxima segunda-feira.

CÂMARA MUNICIPAL
DE BARCELOS

Hôrto Municipal

Tem á venda: flôres, plantas ornamentais cultivadas em vasos, plantas anuais, bisanuais, vivazes e outras; Plantas das épocas de inverno e primavera, disponíveis de Outubro a Março; Plantas das épocas de verão e outono, disponíveis de Abril a Julho.

HILLMAN 17.063

Não deixe V. Ex.ª de apreciar este esplêndido carro

Segurança e comodidade.
Preços de concorrência.

SERVÇO PERMANENTE NA PRAÇA

PROPRIETÁRIO: FRANCISCO DUARTE COUTINHO
CHAUFFEUR: ADELINO JOSÉ FERNANDES

Telefone 135



MANUEL AUGUSTO DE ARAUJO PASSOS

ENSAIADOR-ANALISTA E AVALIADOR OFICIAL DA
COMARCA DE BARCELOS PELA CASA DA MOEDA

(CONTRASTE)

Avaliador da Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia

Ourivesaria e Relojoaria

Laboratorio de ensaios quimicos de metais preciosos

RUA D. ANTONIO BARROSO E LARGO JOSÉ NOVAIS (esquina)

BARCELOS

PAGINA DO CONCELHO

Vila Cova, 6

A 7, dirigia-se, pelas 6 horas da manhã, à cidade de Barcelos, Utelinda do Vale Rozendo, desta freguesia. A portela de Mariz, perto das primeiras casas de Vila Frescaína, uns 4 meliantes amordaçaram-na, arrastaram na para uma bouça e roubaram-lhe o dinheiro que levava, ouro das orelhas e toda a roupa, pois, passadas horas, voltando a si dum desmaio, encontrou-se completamente nua, deixando-lhe apenas os ladrões, junto dela, o triste aental. E' verdade! E isto em pleno dia e a 2 passos da cidade! Num meio pequeno como o nosso, não será possível descobrir os autores de tal façanha?

Está à prova o brio profissional de alguém.

Não há muitos meses que em Alvelos se deu caso idêntico. Não deve continuar a série.

—Foram batizados: — António, filho dos srs. António Marques da Costa, regedor muito competente desta freguesia, e Albertina Cândida Alves de Matos; João, filho dos srs. Paulino Fernandes Meira e Florinda Gomes Meira; e Maria Adelaide, filha dos srs. Firmino Alves de Matos e Evangelina Alves Novais.

—Nas caldas do Eirogo, a fazer uso das águas, estiveram as sr.ªs Tereza, esposa do sr. José J. Fernandes Meira, e Emilia, esposa do sr. António Fernandes Meira Júnior.

—Para a sua casa da Póvoa do Varzim partiu, com sua família, o sr. António Gomes da Fonseca.

—Por aqui, a produção da batata, no geral, não foi abundante; o vinho é pouco, quando muito, o dôbro do ano transato; os milhos pediam calor: beneficiou-os o da primeira semana de Agosto, embora para alguns já viesse tarde um pouco.

—Da Universidade do Porto, onde

terminou o seu ano lectivo com boa classificação, chegou o sr. Luis de Matos Lima.

—A 9, achou-se incomodado, inesperadamente, o sr. António Joaquim de Lima.

Também passa mal o sr. Manuel José de Oliveira, que já recebeu o Sagração Viático.

—A 9, o sr. Agostinho de Oliveira teve a visita dum grupo de amigos, de Famalicão, com quem passou o dia em alegre convívio.

—A 10, atravessou esta terra um grupo de *ciclistas*, vindo do lado do Porto apreciar os encantos dêste canto do Minho.

Tiveram a amabilidade de cumprimentar o correspondente do «Noticias de Barcelos», jornal do seu conhecimento.

—Partiu a fazer uso de banhos, na Póvoa do Varzim, a sr.ª Arminda, esposa do sr. António José Gomes dos Santos.

—Foi passar as férias à Facha a professora D. Júlia Gomes dos Santos.

Areias, S. Vicente, 10

PASSEIO—No proximo domingo, 16 do corrente, vão em passeio instrutivo, de propaganda e ao mesmo tempo recreativo à vizinha freguesia de Madalena e Areias de Vilar os Jécistas de S. Vicente de Areias. A saída desta freguesia será às duas horas em ponto para se poder ir a tempo de assistir ao terço e benção do S. Santissimo Sacramento. Acabados os actos religiosos seguir-se-ha um ensaio de côro falado para assim fomentar mais e mais o desenvolvimento da Acção Católica. Depois do côro falado temos a visita ao Convento e á cerca.

—No dia 7 recebeu as aguas do

baptismo Antonio, filho de João Gonçalves Domingues, habil industrial desta freguesia. Foram padrinhos Antonio de Macedo e Julia de Macedo Corréa.

—Hontem houve na nossa Igreja a Adoração mensal com a assistencia de Jécistas e creanças da Cruzada Eucarística.

Aniversários—No dia 9 fizeram anos: Maria Gonçalves, Manuel Fernandes Torres, Emilia Ferreira da Silva e Lucinda Gomes de Carvalho; amanhã, 11 do corrente, a Ex.ª sr.ª D. Balbina de Assunção Pereira de Sousa, da casa do Eirado do Monte, e João Martins Gomes; no dia 12, Rosa Serafim de Faria e Justina Alves de Macedo; no dia 14, Joaquim de Carvalho Soutelo e João Lourenço Corrêa da Silva Matos; no dia 15, Ana de Carvalho; no dia 16, Joaquim Ventura Lopes; no dia 17, Maria Gonçalves de Oliveira Barbosa, Maria Gonçalves de Faria e Olivia Fernandes Torres; 19, Joaquim Pereira Cardoso.

Alvelos, 10

Na passada 4.ª feira, faleceu, após demorada doença, da terrível doença que uma vez manifestada a ninguém poupa, a dedicada esposa do sr. Au-

gusto de Miranda Gomes, e filha do sr. Manuel José Gomes, muito digno presidente da Junta da freguesia e abastado proprietário. Tinha 29 anos de idade e deixa três filhinhos de tenra idade.

A saudável falecida era muito bondosa e estimada pelas suas belas qualidades, pelo que a sua morte foi muito sentida. O seu funeral foi dos mais concorridos que se tem realizado nesta freguesia, tendo assistido ao officio religioso grande numero de eclesiásticos. A família em luto dirigimos sentidos pêsames.

—Também na vizinha de Pereira faleceu, vítima de desastre, atingido por um pinheiro, quando numa bouça andava a cortar madeira em companhia de outros homens, o sr. José Gonçalves da Silva, homem ainda novo e cheio de vida; era casado há poucos anos com a sr.ª Alcina Martins Fernandes, e cunhado do digno professor desta freguesia, sr. Matias Martins Fernandes, a quem apresentamos nossos sentimentos.

—Por determinação do ex.º e Venerando Prelado deixou a parochialidade da vizinha freguesia de São Paio de Carvalhal o rev.º P.º Adrião das Neves Saraiva, sendo a freguesia anexada temporariamente a esta de Alvelos.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os assinantes onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o especial favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

TRANSCRIÇÃO

Do jornalzinho «AOLARGO», órgão mensal da Juventude Escolar Católica Feminina, transcrevemos o lindo conto que segue, da autoria da nossa conterranea menina Vitoria Mancelos, aluna do 5.º ano do liceu, e que obteve o 1.º premio do concurso.

Uma jécista ás direitas não é candeia morticã»

Positivamente a D. Júlia, a nova professora de ciências, excedia-se. Porque não era de compreender que se falasse numa aula tam sem respeito pela religião a propósito de tudo: em poucos dias várias tinham sido já as insinuações.

Era grande o contingente da Jec na classe, e estava-se neste dilema: abandonar ao menos na aparência, as suas creanças ou cair em desgraço. Num verdadeiro pânico, iam rareando os emblemas que, a principio, faziam julgar daquelas raparigas «um só coração e uma só alma».

Maria Manuel, triste, abatida, notava a mudança. Bem tentara induzir as colegas á intrasigência. Em vão. As mais expeditas negavam-se, retorquindo: «E quem nos compensará duma reprovação no fim do ano? As mais tímidas ouviam, pensavam, baixavam os olhos num silêncio covarde. E Maria Manuel continuava abatida e triste.

Por um sol radioso de Maio, Maria Manuel, uma ligeira ruga vincando-lhe a fronte graciosa, seguia o seu caminho usual para o liceu. Meditava seriamente: «Podia lá ser! A simples malvadez duma pessoa lançar por terra

uma obra tam grandiosa! E de quem a culpa? Afinal de si própria, das colegas, que tal permitiam, que se deixavam covardemente receosas, sem um protesto. «Subia-lhe do coração um impeto de revolta: «Não! Que era feito do seu ideal? Acaso ser Jecista era apenas ir ás reuniões, usar emblema, aparecer nas festas? Não! Uma vez Jecista devia sê-lo em toda a parte».

E foi sob o domínio destas impressões que Maria Manuel, por um sol radioso de Maio, uma ruga ligeira a vincar-lhe a fronte graciosa, transpôs o largo portão do liceu.

* * *

Na desagradável aula de ciências fôra chamada á lição a Emilia. Após um rápido interrogatório da professora, atrapalhara-se, negara o que primeiro dissera, voltara a afirmar e ficara indecisa. A D. Júlia interviera: «Vá, menina, uma coisa ou é ou não é», e acrescentara com a ironia do costume: «Ser e não ser simultaneamente, só no catecismo, em que uma Trindade consta de três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro».

Maria Manuel, que desde o principio seguia estas palavras, levantou-se, um pouco pálida, e, apertando o emblema, que sobressaía no seu vestido de lã escura, sôbre o coração, voltou-se para a professora e disse:

—«A minha atitude, minha senhora, parecer-lhe-á incorrecta, mas eu, como jécista, não poderia por mais tempo ouvir falar dêsse modo de coisas que só devemos respeitar. Obrigada, como tantas outras, a frequentar um liceu, onde pouco se conhece Deus, procuro, como estudante, colega, cató-

lica e Jécista, ser apóstola, isto é, incutir na alma das minhas colegas o desejo de conhecerem Deus e de se instruírem na sua religião. Não poderia pois, deixar que, com as suas palavras, escarnecesse daquilo que, acima de tudo, respeito. Peço ainda licença, minha senhora, para lhe dizer que o mistério da Santissima Trindade é um dogma, que não podemos entender porque Deus é infinito e incompreensível, mas em que devemos acreditar porque o próprio Deus o revelou.

Terminada a observação, serena, sentara-se. A professora, admirada de tal audácia, córara, e apenas pudera balbuciar:—«Saia imediatamente».

* * *

Depois fôra a sucessão continua dos dias, na azáfama dos trabalhos escolares. A vida, porém, era outra. Como por encanto cessaram as impertinências. A pouco e pouco, voltaram os emblemas que faziam julgar aquelas raparigas «uma só alma e um só cora-

ção». Uma nova aurora raiara naqueles espíritos.

Maria Manuel, alegre, satisfeita, notava a mudança, pensava, esperando, confiante, os resultados finais: «Reprovada, que importaria, se tinha cumprido o seu dever? Ah! Que o seu ideal Jecista, puro, alevantado, estava acima de tudo! Não o trocava, não transigia em nada, havia de lutar pela vitória, que não lhe podia fugir. Que ventura em todos os actos da sua vida: Ser soldado de Cristo, lutar pelo reino de Deus!»

* * *

O reino de Deus! O reino de Deus! Onde estava senão sob aquele emblema que sobressaía no vestido de lã escura, sôbre o coração? É que, na azáfama dos trabalhos escolares, na continua sucessão dos dias, a alma de Maria Manuel era o cristal purissimo onde ia espelhar-se; de quando em vez, um raio de sol fugindo ás impurezas da terra!

Vitória Antonia de Mancelos Sampo

BLOCO BARCELOS, S.A.R.L.
 BARCELOS (FABRICA DA GRANJA) TELE (FONE 27—BARCELOS 4775 — PORTO)

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES
 ESPECIALISADA EM
CASAS ECONOMICAS

Fornecimento de vigamentos, **Fabrica de Serração** soalhos, esquadrias, Materiais de construções, etc.

MADEIRAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
 — — MOVEIS E DECORAÇÕES — —

Um Libélo Histórico

A revolução comunista apreciada e condenada pelo conceituado professor da Universidade de Salamanca, Dr. Miguel Unamuno, velho republicano e livre pensador.

Por nos parecer de flagrante verdade e oportunidade, transcrevemos com a devida vénia, do «Diário de Lisboa», algumas passagens da sensacional entrevista dum dos seus redactores.

Leiam com muita atenção este depoimento insuspeito:

«—Dir-se-ia que um tremôr de terra abala os fundamentos da Espanha. Está cheia de sangue e as atrocidades e os horrores são diários. Azaña, com as suas frivolidades, cometeu muitos erros. Fizeram-se perseguições inúteis, por essas aldeias, por essas cidades. E depois—os radicais-socialistas não souberam governar a Espanha! Maltrataram-na...»

E repete, palpebras cerradas, não querendo vêr o mar de sangue em que a sua pátria se debate:

—Espantam-me tantas atrocidades. E' uma selvajaria!

—O que deu origem ao movimento?

—Tudo! Sou anti-militarista, mas reconheço que era preciso uma mão forte. Dum lado, uma classe média sacrificada, do outro, os operários e os rurais—e todos são povo—que mal a deixavam viver, comer. Ganhava mais o criado do que o amo. Roubava-se e incendiava-se. Ha agora, em Espanha, o sadismo de matar. Quando acabará isto? A luta vai demorar ainda muito, creia.

E num presentimento que parece rondar o seu pensamento glorioso:

—Já não vejo o fim disto! Ha muitos loucos, tanto dum lado como doutro. O homem de hoje, fisicamente, é perfeito. E' mesmo um bom animal. Mas, em contra-partida, a mentalidade deminuiu muito. Nos bancos das Universidades ha uma reduzida minoria, que estuda muito, mas o geral é pessimo. Horrivel! Em França ainda se compreende este abaixamento intelectual das gerações novas. Nasceram durante a guerra, foram engendradas com as suas dores, mas em Espanha não encontro razão.

Unamuno foge a responder ás perguntas mais incisivas, isto é, mais oportunas, que lhe fazemos. Ha que o seguir sem impertinências, e esperar o primeiro sinal de fadiga. Fala-nos das filhas e dum genro, que tem em Madrid, e dos quais não recebeu ainda noticias.

—Logo as terá, quando as tropas entrarem na cidade.

Unamuno, com melancolia, esboçou um sorriso que aproveitamos, inquirindo:

—Quem serão os futuros governantes de Espanha:

—Pelo que me dizem, os militares, não querem tomar conta da coisa publica.

—Quem, então? Gil Robles...

—Não sei, não vejo!

Mas logo alude ao general Franco, de quem faz um elogio, dizendo que ele ameaçou de entrar em Tanger com as suas tropas, se a esquadra continuasse ali.

Mais adiante:

—Se a Republica tivesse tomado um caracter equilibrado e racional, os conservadores te-la-iam acolhido bem. Essa Republica, para mim, é uma palavra sem conteúdo.

—E a monarchia?

—A mesma coisa, é uma expressão vasia. Tem mais substancia o fascismo ou o comunismo. Fala-se muito em marxismo, agora em Espanha, mas a maior parte deles não sabe sequer quem foi Karl Marx.

Para dar o movimento da entrevista ha que fazê-la assim, em saltos brus-

A liberdade de crença na Russia

De tôdas as liberdades que existem na Rússia bolchevista, uma das que possuí menos liberdade, é, precisamente a da crença. Em tempos idos, tôdas as religiões tinham, na Rússia, os seus tēplos, os seus ministros e os seus adeptos. Era livre a crença, como livres e concorridos se praticavam todos os actos religiosos e tôdas as orações.

Dizem os bolchevistas que ainda hoje assim é, mas ha quem afirme que é o contrário, demonstrando esta afirmação. Como?

Fazendo exposições, que contestam, de uma forma irrefutavel, as declarações falsas do Governo russo sobre a liberdade de crença na Rússia, chamando tambem a atenção mundial para os resultados da educação da infancia sob o regime comunista e bem assim fazendo com que o mundo repare no trabalho que os bolchevistas tentam realizar por toa a parte, para destruir as idéas basilares: Deus, patria, familia.

Estas exposições são organizadas pelo comité «pró-Deus», abrangendo representantes de tôdas as religiões e com sede central em Genebra.

A exposição compreende três partes: 1.º—demonstração por meio de

esquemas, dos métodos de organização comunista, tanto na União Soviética, como nos demais países; 2.º—campanha comunista contra a religião, com especial referência aos últimos acontecimentos da Espanha; 3.º—posição social do povo russo no regime soviético: situação da mulher, crianças abandonadas; casos de autropofogia; forja dos camponios do «paraizo soviético».

A exposição é tambem documentada, com dados exclusivamente soviéticos e numerosas fotografias, pondo assim bem patente, que não existe a liberdade de crença na Rússia.

* * *

Nos países em que os bolchevistas estão tentando intrometer-se, como no Brasil, é onde se estão já abrindo estas exposições, para que se veja bem que junto aos atentados materiais, que vão do homicidio friamente premeditado e executado até ao horrivel morticínio em massa, os agentes do credo russo de tudo se utilizam, tudo simulam, para vêr se ainda conseguem adeptos para as suas ideologias de rotulos ou para os seus nacionalismos simulados.

Sem religião não se pode viver,

como sem ordem não se pode progredir. A Rússia está neste caso e o seu grande retrocesso é devido a que os bolchevistas não têm religião, nem fé em Deus, não a deixando ter aos outros e tudo fazendo, mas em vão, para que ela desapareça da face do mundo.

Portugal atravessa um momento decisivo da sua história, o qual não comporta atitudes dúbias. E' necessário portanto que estejam todos ao lado do Governo e do Chefe, o Doutor Salazar, para que a nossa acção seja cada vez mais vigilante, no sentido de garantir a ordem e a estabilidade politica.

Reforçando assim, os vinculos sagrados da familia, da religião e do Estado, caldeando todos os nossos valores morais, de intelligencia e de sacrificio nesse movimento de reacção, para que se avolume a poderosa corrente de opinião nacional, de que, só com um grande chefe, se tem estabilidade politica e de que só com esta, se pode obter tranquilidade e bem-estar.

Lutemos. Mas lutemos para a prosperidade e para a grandesa da Pátria, com a fé em Deus, porque Deus não nos desampara, porque Deus vela e defende Portugal.

João Xavier Guerra de Morais

Acaba de ser despachado Secretario de Finanças e colocado em Resende, onde já tomou posse, este nosso amigo e funcionario distinto, que nesta cidade conquistou gerais simpatias pela sua educação esmerada e trato afavel.

Desejamos-lhe muitas venturas e damos muitos parabens aos habitantes de Resende e seu concelho, pelo funcionario que está a chefiar aquela Secção de Finanças.

NOVA BARBEARIA

Na rua D. António Barroso, abriu no último sábado uma barbearia de que é proprietário o nosso amigo sr. capitão João Hermínio Barbosa.

A nova barbearia que se encontra com todos os requisitos modernos, fica sendo a melhor barbearia da cidade.

Ao seu proprietário enviamos-lhe muitos parabens e desejamos-lhe grande clientela.

cos de idéas e de opiniões, tal qual conversa Unamuno.

—Em Espanha ha muitos anarquistas. Quando a Trotsky esteve em Madrid, perguntou a um deles o que fariam, uma vez que se apoderassem do Estado. Resposta: «Nós não queremos ser Estado; apenas destruí-lo».

E depois:

—O que se tem passado neste país é horrivel. Calvo Sotelo foi assassina do oficialmente. Em Madrid não ha governo. Nem uma sombra de autoridade. Apenas meia duzia de homens prisioneiros dos partidos extremistas, sem qualquer «contrôle» sobre eles. E' horrivel! A opinião internacional, Alemanha, Italia, Portugal e Inglaterra, está contra aquilo e com razão!

Já á despedida, com inenarravel melancolia:

—E' pior que a Comuna, que Thiers mandou metralhar! Não cessam os morticínios. Só vejo sangue—aqui, ali, em toda a Espanha. Quando acabará isto?

MISSAS

Conforme noutra lugar anunciamos, vão ser rezadas, por alma do nosso saúdoso e querido amigo sr. comandante Manuel Pereira Esteves, duas missas.

Uma, amanhã, pelas 9 horas, no tēplo do Senhor Bom Jesus da Cruz, mandada rezar pela Direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários com a assistência de todo o seu corpo activo e outra, no mesmo tēplo e à mesma hora, na próxima segunda-feira, mandada rezar por um seu devotado amigo.

Doente

Encontra-se retido no leito, o nosso amigo sr. João Vila Chã Esteves. Desejamos-lhe prontas melhoras.

AGENTE

Precisa-se para a venda de finissimos Moscateis Velhos, engarrafado, os melhores do distrito de Setúbal; boa comissão. Resposta ao Apartado n.º 339, Lisboa.

Cadela coelheira

De côr branca, tamanho regular, desapareceu no dia 31 do mês passado. Dá pelo nome de Sereia. A quem a encontrou ou souber do seu paradeiro pede-se o favor de falar com Joaquim Coutinho—Campo da Feira—desta cidade. Procedese a todo tempo contra o detentor.

FORD

Vende-se em bom estado. Falar nesta redacção.

AS BOLACHAS

«Villares»

são Bolachas porque são

«Villares»

A' venda em toda a parte

VISITEM O GRANDE E LUXUOSO

Salão de Chá

DA

Confeitaria «VILLARES»

RUA FORMOSA—PORTO

Furtado Martins

Advogado

Largo José Novias, 15

PINHEIROS

Ninguém venda sem consultar-me.

Arlindo Sá

Laundos—Povoa de Varzim

AUTOMOVEL 6 LUGARES

Aluga JOSÉ PERESTRELO

Largo José Novais
Telefone 8